

O português falado no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 132 p.¹

Ivanete Mileski

A variação presente no português falado no Brasil há algumas décadas vem sendo investigada por linguistas brasileiros e estrangeiros. Fatores históricos e geográficos – como a grande quantidade de escravos trazida ao país, a imigração ocorrida nos séculos XIX e XX e a extensão territorial do Brasil – exerceram e ainda exercem forte influência sobre a variedade do português falada em nosso país, distinguindo-a em diversos aspectos da variedade falada em Portugal. Além disso, mesmo em território brasileiro, a variedade de cada comunidade linguística precisa ser compreendida como o resultado da história social e cultural daqueles que a utilizam, de modo que processos que distinguem o português brasileiro (PB) do português europeu (PE) podem apresentar usos bastante distintos ao se compararem duas ou mais comunidades linguísticas.

Nesse sentido, *O português falado no Rio Grande do Sul* contribui para que se compreendam as peculiaridades do português falado atualmente nesse estado, pois representa uma amostra da produção acadêmica sobre processos fonológicos variáveis do PB, com foco na fala gaúcha. Resultado da investigação de diversos pesquisadores, os capítulos que o constituem apresentam de maneira bastante didática e objetiva o que já se sabe sobre oito processos linguísticos variáveis – variação na pretônica, na postônica não final, na postônica final, redução dos ditongos nasais, ditongação diante de /S/, vocalização da lateral, palatalização de T e D e a variação da vibrante. Focalizam-se principalmente análises de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), banco de dados que completou 30 anos de existência em 2014, ano de publicação da obra. Os capítulos contemplam, de modo geral, a explicação fonético-fonológica do fenômeno em análise, uma retomada histórica de sua origem e situação atual, bem como a apresentação de resultados de estudos variacionistas sobre o mesmo.

¹ BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa (Org.). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 132 p.

Inicialmente, o livro apresenta, a título de introdução, o capítulo denominado “O português falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística”, no qual Elisa Battisti aborda aspectos da história do Rio Grande do Sul, da imigração e do contato linguístico dela advindos, temas fundamentais para se compreender a dimensão social e histórica da variação linguística nesse estado. Como afirma a autora, os resultados que a obra apresenta “explicitarão as motivações sociais e linguísticas dos sotaques regionais, das características de pronúncia que dão colorido ao português falado nas diferentes comunidades gaúchas”. O capítulo explicita também a fundamentação teórico-metodológica de grande parte dos estudos cujos resultados são retomados na obra – a Sociolinguística Variacionista, proposta pelo americano William Labov em 1972 – e orienta o leitor em relação aos pressupostos do modelo e ao tipo de análise que encontrará nos capítulos específicos sobre os fenômenos linguísticos variáveis. A partir de tal explicação, mesmo o leitor sem formação em Sociolinguística Variacionista terá condições de compreender o conteúdo da obra. Além disso, desde este primeiro capítulo, conceitos fundamentais da sociolinguística, como *variação* e *mudança* – e a essencial relação entre eles –, são explicitados e exemplificados de maneira bastante didática.

No capítulo 1, “Vogais Pretônicas”, Leda Bisol trata da variação relativa às vogais médias /e, o/ em sílaba pretônica: harmonização vocálica, alçamento sem motivação aparente, elevação de E inicial e diante de S e N, alçamento em DES inicial. No que se refere à **harmonização**, que atinge as vogais médias pretônicas em virtude de uma vogal alta (/i, u/) em sílaba subsequente, a exemplo de menino ~ minino, domingo ~ dumingo, são discutidas as características dessa regra, bem como alguns dos resultados recorrentes em estudos sobre o português gaúcho. No que se refere ao **alçamento sem motivação aparente**, que atinge vogais médias pretônicas mesmo sem a presença de uma vogal alta subsequente, a autora menciona os seguintes contextos a partir das descrições referentes a Porto Alegre: para a vogal /o/, são encontradas realizações como vogal alta [u] em formas verbais com uma base em comum (cumer, cumendo), grupos de nomes com uma base em comum (sussego, sussegado) e em palavras isoladas (buneca, sutaque); a vogal /e/ pretônica tem sua realização como [i] em grupos de nomes com base em comum (sinhor, sinhora) e em palavras isoladas (futibol, marcineiro). Conforme a autora, a harmonização no Rio Grande do Sul pode ser considerada uma regra de aplicação variável, ao

passo que a elevação sem motivação aparente não se impõe como uma característica da variedade gaúcha. Com relação à **elevação de /e/ inicial seguido de N ou S e em DES**, Bisol afirma tratar-se de uma regra em vias de generalizar-se, como atestam os vocábulos *estranho* ~ *istranho*, *emprego* ~ *imprego*, *desmaio* ~ *dismaio*; assim, é possível que a vogal **e** fique restrita ao registro escrito, pois na fala tende a ser naturalmente realizada como [i]. Esse capítulo tem a virtude de oferecer ao leitor um quadro geral da variação que envolve as vogais médias pretônicas, atentando de modo muito pontual para registros diacrônicos da variação nessa pauta. As alternâncias de vogal pretônica, como registra a autora, fazem parte do sistema do português, não constituem uma marca do falar gaúcho, já que presentes em todas as variedades do PB.

O capítulo seguinte, “Vogais Postônicas Não Finais”, de autoria de Cláudia Regina Brescancini, trata da variação em vocábulos proparoxítonos, como *abóbora* e *estômago*, especificamente em relação ao comportamento da vogal na sílaba postônica não final, que pode ser alçada, no caso das vogais médias, como em *cômodo* ~ *cômudo*, ou pode ser apagada, caracterizando o processo de síncope, a exemplo *xícara* ~ *xicra*. Da mesma forma que nos demais capítulos, são retomados fatores apontados como favorecedores da realização de ambos os processos a partir de diferentes amostras. Diferentemente do alçamento vocálico em pauta postônica não final, que apresenta taxas relativamente altas de aplicação, a autora afirma que os estudos têm apontado sempre baixas taxas de síncope. Conforme discute Brescancini, realizações como *abobra* e *xicra*, para *abóbora* e *xícara*, respectivamente, podem ser avaliadas negativamente, ao passo que a forma com alçamento de vogal (*abóbura*) não causa estranheza ao falante nativo nem fica associada a falantes pouco familiarizados com as formas padrão da língua; esse aspecto diferencia o uso dos dois processos. O capítulo contempla uma variedade considerável de estudos, realizados com dados de diversas localidades no Brasil; consegue mostrar, assim, que o funcionamento desses dois processos linguísticos variáveis é regulado por fatores linguísticos e extralinguísticos, e explicita ao leitor a complexidade inerente aos fatos da variação.

No terceiro capítulo, “Vogais Postônicas Finais”, Maria José Blaskovski Vieira aborda a variação que envolve as vogais médias em pauta átona final, como em *bolo* e *doce*, que podem ser realizadas como vogal média ou com vogal alta. No português falado no Rio Grande do Sul, ainda não é categórico

o processo de substituição das médias [e, o] pelas vogais altas [i, u]. Conforme aponta a autora, em comunidades linguísticas que têm influência das línguas de imigração ou que fazem fronteira com Uruguai e Argentina, a preservação das vogais médias é consideravelmente mais frequente em relação a localidades como Porto Alegre, onde a elevação da vogal é praticamente categórica. Os primeiros estudos realizados sobre a variação nessa pauta indicam o papel da região para o uso da forma preservada ou alçada da vogal, de modo que diversas pesquisas têm sido desenvolvidas com o objetivo de mapear o uso da regra em diferentes regiões do estado. Embora fatores linguísticos também sejam indicados como facilitadores do alçamento, conforme aponta a autora, “o consenso entre os trabalhos situa-se no papel primário da comunidade de fala sobre a vogal que irá emergir no final da palavra”. Nesse sentido, a discussão apresentada no texto proporciona uma visão geral da variação relacionada às vogais médias átonas finais no Rio Grande do Sul, bem como das análises propostas nos estudos variacionistas já desenvolvidos sobre o tema.

No capítulo seguinte, Luiz Carlos Schwindt aborda a “Redução de Ditongos Nasais em Fim de Palavra”, que caracteriza a pronúncia variável de *vage* para *vagem*, *home* para *homem*, por exemplo, em que ocorre monotongação e desnasalização do ditongo. O autor retoma a origem do ditongo nasal no português e os primeiros registros de sua redução em Portugal e no Brasil. Conforme Schwindt, no PB, apenas os ditongos nasais átonos (como em *nuvem*) estão sujeitos a redução; os tônicos (como em *carvão*) são sempre preservados. Com relação às motivações para o processo, o autor aponta para a variação nas taxas de aplicação em comunidades de fala diferentes, no Rio Grande do Sul e outras localidades contempladas pelo VARSUL. Entre as motivações linguísticas, destaca-se, entre outros fatores, a maior frequência de ocorrência em nomes e menor em verbos, possivelmente porque o ditongo nasal em verbos veicula informação morfológica (*canta/ cantam*, *come/comem*, por exemplo), diferentemente do ditongo em nomes. No que se refere à redução dos ditongos especificamente no Rio Grande do Sul, o autor mostra que o processo tende a ocorrer relativamente mais em Porto Alegre e menos em localidades do interior do estado, como São Borja (contato entre português e espanhol), Flores da Cunha (bilíngues português-italiano) e Panambi (bilíngues português-alemão). Aponta-se mais uma vez para a influência de outras línguas sobre o uso de processos variáveis em português: no italiano, alemão

e espanhol não existem ditongos nasais, de modo que, talvez, para os falantes do PB que têm contato com essas línguas, o ditongo seja mais saliente do que para os metropolitanos, que historicamente não vivenciam situações de bilinguismo ou contato com tais línguas. Assim como nos demais capítulos, aspectos linguísticos, históricos e sociais são buscados para o entendimento do processo linguístico variável em foco.

No capítulo seguinte, “Ditongação Diante de S”, Marisa Amaral aborda a realização variável de ditongo diante de /S/, a exemplo de *rapaiz* por *rapaz*, *feiz* por *fez*. A realização variável desses ditongos é atestada no português desde o século XVIII, e no Brasil é mais recorrente nas variedades carioca e do norte/nordeste em relação a variedades do sul. Com relação à ditongação no português gaúcho, conforme Amaral, a frequência de ocorrência é relativamente baixa e a realização ditongada está associada a itens lexicais como “mas” e “três”; outros itens com o mesmo contexto fonético (vez, traz, dez) apresentam baixos índices de ditongação. Segundo a autora, a regra pode ser considerada estável no Rio Grande do Sul, isto é, não mostra crescimento ou diminuição de uso e não parece caracterizar a fala dos gaúchos. Trata-se de um capítulo relativamente breve, mas que apresenta dados da ditongação na diacronia no português, na literatura brasileira, em músicas populares e em pesquisas sociolinguísticas; evidencia, com isso, também a diversidade de fontes a partir das quais é possível realizar análises linguísticas.

O capítulo “Vocalização de L”, escrito por Gisela Collischonn, analisa a realização variável do último segmento de palavras como *sal*, *sol*, *mel*: trata-se de um som consonantal variavelmente realizado com um som próximo à vogal [u] (sau, sóu, méu). O capítulo apresenta a motivação articulatória para a velarização e vocalização de /l/, bem como o reflexo que o processo tem na escrita, em que se podem encontrar produções como *mau tratado* e *mal aluno*; muito coerentemente, com relação a essa troca, a autora afirma que “o problema aqui não é falta de conhecimento da língua portuguesa, mas a confusão que se origina na identidade sonora entre essas duas palavras”. A autora discute também a substituição de [l] por [u] desde o latim e aponta que, no português do Brasil, a mudança está ocorrendo de forma bastante acelerada: em uma mesma comunidade, falantes mais velhos ainda conservam a produção com [l] ou [ʎ], ao passo que entre os mais jovens o uso da forma vocalizada é mais comum. Interessantemente, registros do Projeto NURC e do Projeto

ALERS indicam que na região Sul a vocalização é menos frequente do que em outras regiões do Brasil. Estudos variacionistas indicam que em Porto Alegre a regra é quase categórica, isto é, [u] em lugar de [l] é produzido em mais de 90% dos contextos, ao passo que nas demais localidades os índices de vocalização não alcançam 50%. O contato do português com línguas que não apresentam a vocalização de //l/ como característica parece atuar também sobre a implementação dessa regra, pois em localidades como Chuí, Santa Vitória do Palmar e Panambi – as primeiras em contato com o espanhol; a última, com o alemão – o percentual de vocalização não chega a 10%. Como indício de que há uma mudança em curso também nessas localidades, tem-se que os jovens são os que mais vocalizam, isto é, são eles que estão impulsionando a mudança, de modo que a realização do [l] tende a mudar no português gaúcho, assim como ocorreu nas demais regiões do Brasil. O capítulo discute o processo em dados de poesia, de canções, bem como em análises realizadas a partir da Dialetoologia e da Sociolinguística Variacionista, de modo a mostrar eficientemente ao leitor o desenvolvimento e o funcionamento da vocalização no português brasileiro e no português gaúcho.

Tido como mais um aspecto inovador do PB em relação ao PE, a “Palatalização de T e D” é discutida por Elisa Battisti no sétimo capítulo da obra. Assim como os demais processos abordados nessa publicação, no RS a realização do primeiro som das palavras *tia* e *dia* não é homogênea e é influenciada por fatores de ordem linguística e social. A autora apresenta primeiramente a explicação articulatória para a realização palatalizada e os contextos em que pode ocorrer, tendo em vista que a palatalização das oclusivas é desencadeada por [i] derivado de /e/ (*leite*) ou não derivado (*time*). No que se refere ao português gaúcho, Battisti apresenta resultados de diferentes estudos sociolinguísticos, a partir dos quais verifica a variação existente de uma comunidade para outra em relação ao uso da forma palatalizada. Assim como para a vocalização de //l/, em Porto Alegre, a palatalização é praticamente categórica e apresenta índices mais modestos em localidades do interior do estado. Nesse sentido, é louvável o uso de mapa do RS como recurso ilustrativo na síntese dos estudos sociolinguísticos que descrevem a proporção de uso de palatalização no estado. Conforme a autora, muito provavelmente, daqui a alguns anos a frequência de palatalização das oclusivas nas localidades apontadas atualmente com uso mais modesto tornar-se-á mais próxima do uso em Porto Alegre, a não ser que fatores sociais

relacionados à identidade local de algum modo refreiem a implementação da regra, como ocorre em uma comunidades de fala referida no capítulo.

O último capítulo da obra, “Realizações de R”, de autoria de Valéria Monaretto, inicia discutindo as diferentes realizações do R em português: as anteriores (vibrante e tepe) e posteriores (uvular, velar, aspirado), e a informação social/ geográfica indexada a cada uma delas, como revelam as denominações *r-carioca*, *r-caipira*. A autora explica que os sons de R no português podem estar associados à identificação de regiões e culturas, como é o caso da troca de r-forte por tepe nas comunidades de descendentes de imigrantes italianos (São Paulo e Sul do Brasil), e também podem ser alvo de preconceito social, como o chamado *r-caipira*, falado em estados como São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Menciona ainda que a supressão do r (*próprio* para *próprio*) ou a troca de r por l (*craro* para *claro*) é desprestigiada, ao passo que a produtividade da supressão em verbos no infinitivo (*cantá* para *cantar*) parece indicar uma mudança linguística em curso no PB. Por fim, são abordadas especificamente as realizações do R na fala gaúcha. Um aspecto que a distingue das demais variedades brasileiras é a presença da vibrante ou, nas palavras de Monaretto, a *pronúncia rolada do R*, especialmente em comunidades de colonização europeia e de fronteira. As formas realizadas na parte posterior do trato oral também são encontradas em início de sílaba, principalmente em Porto Alegre, localidade em que a mudança pela qual o r-forte vem passando no PB (de realização mais anterior para mais posterior no trato oral) parece estar em vias de completar-se. Muito adequadamente, a autora associa a diversidade de produção do R no Rio Grande do Sul ao contato do português com outras línguas, como as de imigração, e o espanhol, na fronteira; novamente tem-se a presença de outros sistemas sonoros deixando marcas na fonética do português do Rio Grande do Sul, coerentemente apontadas na análise da autora.

Diferentemente de análises acadêmicas comprometidas com teorias fonológicas específicas, que em geral buscam explicar apenas um processo sob o escopo do que se compreende como o modelo mais adequado para sua representação, *O português falado no Rio Grande do Sul* atenta para os fatos de variação fonológica que caracterizam o português gaúcho de um modo bastante acessível e didático, comprometido essencialmente em mostrar resultados já disponíveis em uma extensa produção acadêmica, analisados a partir da metodologia laboviana.

Tendo em vista que é fundamental a integração entre investigação acadêmica e ensino de língua materna, e considerando-se que muitas vezes parece haver um descompasso entre o que já se sabe sobre variação e mudança linguística a partir de pesquisas de mestrado/doutorado e a concepção de língua que a instituição escola apresenta, a obra recentemente lançada constitui um passo importante em direção à compreensão dos fatos da variação linguística na complexidade que lhes são inerentes. Nesse sentido, a obra é de importante leitura a estudantes de Letras e Linguística; também é de interesse de professores da educação básica de modo geral e de todos aqueles que se interessam pela variedade de fala gaúcha.

As organizadoras da publicação, Leda Bisol e Elisa Battisti, são professoras pesquisadoras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, respectivamente.

Recebido em: 31/03/2015

Aprovado em: 26/09/2015